

## Educar para a vida a formação filosófica na perspectiva da filosofia da *práxis*

*Ana Maria Said*

professora do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia

*Gigliola Mendes*

Mestranda do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia

### RESUMO

Este artigo propõe um modelo de formação filosófica de jovens do Ensino Médio inspirado na filosofia da *práxis* de Gramsci. Formá-los na *práxis* teria como objetivo a sua elevação cultural, dando-lhes acesso aos códigos dominantes da sociedade em que vivem, o que os faria conhecer seus direitos e deveres e desenvolver a capacidade de exigí-los. Em suma, na perspectiva da filosofia da *práxis*, o professor tem como desafios oferecer formação teórica aos seus alunos e educá-los politicamente para a transformação da sociedade.

**Palavras-chave:** filosofia da *práxis*; ensino de Filosofia; intelectual orgânico; reforma intelectual e moral.

### ABSTRACT

This article proposes a model of philosophical formation for students of the Medium level (High School) inspired on the Gramsci's philosophy of *praxis*. Forming them in the *praxis* would have as objective their cultural elevation, giving them access to the dominant codes of the society they live in, what would allow them to know their rights and obligations and to develop the capacity of ask for them. In short, in the perspective of the philosophy of *praxis*, the teacher has as challenges to offer theory formation to his students and educate them politically to the society transformation.

**Keywords:** philosophy of *praxis*; Philosophy's teaching; organic intellectual; intellectual and moral reform.

**P**ara iniciarmos uma reflexão sobre a formação filosófica, o faremos com a questão utilizada por Jacques Derrida para concluir seu livro *O animal que logo sou*, de 2002, pois sintetiza toda a problemática da história da Filosofia: “Mas eu, quem sou eu?”

Sabemos que uma indagação filosófica sobre o “eu” traz implicitamente um universo de investigações, tais como: o que caracteriza o próprio do homem? O que é ser homem? Quem é o homem, distinto do animal? Será que tal distinção é possível? De onde vem o homem? Para onde ele vai? Como age? Como deveria agir?

Utilizando o arsenal conceitual da Filosofia, há muitas maneiras de problematizar tais questões ou de apontar caminhos para *tentar* respondê-las. Nesse primeiro momento, abstenho-nos do recorte filosófico que adotamos na prática pedagógica em Filosofia, escolhendo abordá-la por meio de um poema de Manoel de Barros, *O menino que carregava água na peneira*, para tentar ressaltar a gama de possibilidades implicadas nela:

Tenho um livro sobre águas e meninos.

Gostei mais de um menino  
que carregava água na peneira.

A mãe disse que carregar água na peneira  
era o mesmo que roubar um vento e sair  
correndo com ele para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo que  
catar espinhos na água  
O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.

Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino

gostava mais do vazio

do que do cheio.

Falava que os vazios são maiores

e até infinitos.

Com o tempo aquele menino

que era cismado e esquisito

porque gostava de carregar água na peneira

Com o tempo descobriu que escrever seria

o mesmo que carregar água na peneira.

No escrever o menino viu

que era capaz de ser

noviça, monge ou mendigo

ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras.

Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.

E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de interromper o voo de um pássaro botando ponto final na frase.

Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.

O menino fazia prodígios.

Até fez uma pedra dar flor!

A mãe reparava o menino com ternura.

A mãe falou:

Meu filho você vai ser poeta.

Você vai carregar água na peneira a vida toda.

Você vai encher os  
vazios com as suas  
peraltagens  
e algumas pessoas  
vão te amar por seus  
despropósitos. (BARROS, 2010, p. 469)

Como a mãe apontada por Manoel de Barros no poema acima educa o seu filho? Ela tenta formá-lo para a vida? E para qual forma de vida o conduziria?

Segundo Gramsci, não seria possível educar para a vida, porque só é possível viver. Mas seria possível, enquanto se vive, construir dialeticamente o mundo e a si mesmo e se tornar consciente desse processo. Para ele, há uma identidade entre vida e filosofia, quando esta (entendida como concepção de mundo) se transforma naquela, porque se torna histórica, ao “depurar-se dos elementos intelectualistas de natureza individual”.

O termo mais tradicionalmente utilizado para se referir àqueles que estão em formação é aluno. Em sua origem etimológica, aluno seria formado pelo prefixo de negação “a” mais a palavra *luminis*, cujo significado é luz. Se considerarmos “luno” como *luminis*, a palavra aluno significaria “ausente de luz”, ou seja, aquele que não possui a luz do conhecimento, que não foi iluminado pela razão ou por Deus. Dessa forma, o aluno precisaria obrigatoriamente ser educado para a vida por um mestre já iluminado. No entanto, essa etimologia da palavra é equivocada, embora tenha se tornado um mito etimológico porque permite que ela seja facilmente assimilada e relacionada com a realidade da educação em muitas escolas e instituições. A origem etimológica correta do termo é “*alumnus*,

criança de peito, lactente, menino, aluno, discípulo, derivado do verbo *alere* ‘fazer aumentar, crescer, desenvolver, nutrir, alimentar, criar, sustentar, produzir, fortalecer’ etc” (HOUAISS & VILLAR, 2001, p. 173).

Em uma abordagem gramsciana acerca da educação, é necessário, primeiramente, descartar a concepção pejorativa de aluno não só na teoria, mas, principalmente, na prática. Além disso, ainda seria necessário acrescentar à origem correta da palavra um detalhe: o *alumnus*, a criança que precisa ser cuidada, nutrida, deve ser conduzido por um caminho que lhe permita ser *um homem sobre suas próprias pernas*, porque, conforme um trecho insistentemente repetido por todos os estudiosos de Gramsci, todos os homens são filósofos, mesmo que o sejam de uma “filosofia espontânea”.

Retomando a análise do poema de Barros para relacioná-lo com a reflexão de Gramsci, podemos perceber que a mãe do *menino que carregava água na peneira* não buscou moldá-lo nem lhe tolher a criatividade, demonstrando a impossibilidade de carregar água em uma peneira, mas buscou observá-lo em sua singularidade: o fato de ser *ligado em despropósitos*. Dessa forma, ele pôde, com seus despropósitos, ultrapassar a lógica existente: “até fez uma pedra dar flor!” Entendendo e partindo da sua maneira única de ser e ver o mundo, sua educadora conduziu-o à poesia. Ela validou a sua capacidade de ser poeta, de possuir poder para exercer o ofício de escrever, já que, segunda ela, essa é uma forma digna de ser na vida, que um dia pode ser amada e respeitada *por alguns*.

Na presente reflexão, partimos de alguém que vive, que é concreto, e que por isso já tem uma concepção de mundo, podendo elevar-se culturalmente, para conhecer e criar novas possibilidades de vida, sem desconsiderar o que é. Seria a proposta gramsciana um “conhece-te a ti mesmo” como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, ou seja,

tornar-se consciente daquilo que se é realmente e, a partir daí, poder construir autonomamente sua história. Isso não pode prescindir do conhecimento do processo histórico que se desenvolveu até aqui e que deixa em nós uma infinidade de traços, que deverão ser conscientes em nós. Isso seria uma “reforma intelectual e moral” quando se dá em um grupo organizado, mas que é fundamental na formação de cada um como orientação.

Ele mostra a importância pedagógica de se fazer um *inventário* de si mesmo. Mas como podemos nos inventariar? Para que esse caminho proposto por Gramsci seja bem compreendido, podemos desdobrá-lo didaticamente em tópicos:

- 1) Perceber que todos são filósofos inconscientemente, isto é, perceber-se como filósofo espontâneo.
- 2) Questionar-se sobre qual *tipo histórico* de conformismo e de homem-massa se faz parte.
- 3) Criticar a própria concepção de mundo, isto é, questionar-se, localizar-se historicamente.
- 4) Tornar unitária e coerente a própria concepção de mundo e elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais desenvolvido, através do conhecimento da história da Filosofia, que deixa marcas na filosofia popular.
- 5) *Práxis*.

Em um primeiro momento, tal proposta parece inexecutável. Mas quando compreendemos com maior profundidade a obra de Gramsci, percebemos que ele está pensando em uma formação integral e contínua, ou seja, que abarcaria toda uma vida. Não está propondo especificamente uma prática pedagógica para o Ensino Médio ou para o Ensino Superior, mas uma postura de humildade diante da vida e do conhecimento que é historicamente produzido, sem, no entanto, tirar de cada indivíduo (por mais

simples que ele seja) a possibilidade de conhecer e se elevar. Mas é base para uma proposta de ensino de Filosofia para o Ensino Médio ou qualquer outro grau, já que é embasada na perspectiva de formação humana.

Para Gramsci, a tarefa de um professor nesse contexto seria *orientar* o estudante a “elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira crítica e consciente” escolhendo a própria esfera de atividade, participando ativamente na produção da história do mundo. O professor, ao assumir em sua prática pedagógica esses estímulos à prática filosófica e à ação no mundo, não deve permitir-se ser apenas um intelectual tradicional, detentor da erudição, que determinará a formação filosófica dos estudantes. Deve, também, desenvolver-se como um intelectual orgânico das classes subalternas, consciente das necessidades delas, permitindo ao jovem, através de sua orientação embasada na história da filosofia, possibilidade de construir autonomamente sua história, enquanto possibilita o nascimento do novo.

O intelectual orgânico não é só o detentor do conhecimento, da erudição, embora esta seja importante. Ele faz um recorte da História da Filosofia e continua a desenvolver as questões fundamentais de onde pararam os filósofos precedentes. Ele considera o filósofo como quem tem a fundamentação necessária para apreender as questões fulcrais de sua época. Assim,

a história da filosofia tal como é comumente entendida, isto é, como história das filosofias dos filósofos, é a história das tentativas e das iniciativas ideológicas de uma determinada classe de pessoas para mudar, corrigir, aperfeiçoar as concepções do mundo existentes em todas as épocas determinadas e para mudar, portanto, as normas de conduta que lhes são relativas e adequadas, ou seja, para mudar a atividade prática em seu conjunto (GRAMSCI, 2001, p. 325).

Dessa forma, o intelectual orgânico, que tem a função social de educar, precisa ser ciente do mundo que o cerca, desenvolver a capacidade de analisar o todo (totalidade) de forma crítica e coerente e possuir muito conhecimento de história – inclusive da História da Filosofia, para participar ativamente da construção da história. O professor nesse contexto tem como desafios oferecer formação teórica aos seus alunos, ao mesmo tempo em que os forma politicamente para a transformação da sociedade, educa-os para a *práxis*.

A busca é por um movimento filosófico que ocorre por meio do trabalho de elaboração de um pensamento superior ao senso comum e cientificamente coerente, jamais se esquecendo de permanecer em contato com os “simples”, encontrando neste contato a fonte dos problemas que devem ser estudados e resolvidos. Por isso, adota-se aqui a filosofia da *práxis* como método, mas utilizado como propedêutica e não como didática, para não correremos o risco de torná-la um padrão. O foco da filosofia da *práxis* é fazer com que cada pessoa tenha uma concepção de mundo unitária, coerente e crítica, que lhe permita atuar como sujeito histórico transformador da realidade em que vive. A *práxis* é a atividade humana sensível, é como os homens produzem a própria vida, inclusive a espiritual, tornando-se conscientes desse processo. A atividade humana sensível é objetiva e revolucionária, porque prático-crítica. Na terceira tese sobre Feuerbach, Marx afirma que

A doutrina materialista sobre a alteração das circunstâncias e da educação esquece que as circunstâncias são alteradas pelos homens e que o próprio educador pode ser educado. Ela deve por isso separar a sociedade em duas partes – uma das quais é colocada acima da sociedade. A coincidência da modificação da circunstância com a atividade humana ou alteração de si próprio só pode ser apreendida e compreendida racionalmente como *práxis revolucionária*”. (MARX, 1987, p. 12)

Dessa forma, não é exclusividade da escola oferecer acesso à cultura, mas, ao contrário, é a cultura que dá acesso à escola. O próprio educador tem que ser educado e ele se educa através do seu modo de ser, viver, pensar e se relacionar, ou seja, através da cultura na concepção gramsciana. É o acesso ao modo de vida mais elevado de sua época que dá acesso à escola, e não o contrário como nos propõe a ideologia dominante.

Portanto, formar na perspectiva da filosofia da *práxis* é ultrapassar uma apologia ao **maniqueísmo**, pautando-se em uma compreensão da realidade com sua correlação de forças, desenvolvendo temas e problemas essenciais aos homens de todos os tempos a partir da tradição filosófica, isto é, contribuindo para a elevação cultural dos alunos, permitindo-lhes acesso aos códigos dominantes da sociedade em que vivem, o que os faria conhecer seus direitos e deveres, e desenvolver a capacidade de exigí-los.

Concluindo, o poema *O menino que carregava água na peneira*, interpretado na perspectiva gramsciana, sugere metaforicamente um caminho possível, aberto e crítico à questão de como e por que ensinar Filosofia no Ensino Médio, uma vez que a poesia, assim como a vida, é contradição e movimento. Nas palavras de Manuel Bandeira: “O poema deve ser como a nódoa no brim: fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero”. Viver da forma expressada no poema é um incentivo à criação e à imaginação, que ultrapassa a repetição de padrões e valores, para que o estudante se torne capaz de construir a sua história autonomamente, arcando com todas as responsabilidades implicadas nesse processo.

### Referências bibliográficas

BARROS, Manoel. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Volume 1. Rio de Janeiro:

Civilização Brasileira, 2001.

\_\_\_\_\_. *Quaderni del Carcere. A cura di Valentino Gueratana*. Seconda Edizione. Volume primo, secondo, terzo e quarto. Edizione Critica dell'Istituto Gramsci. Torino: Ed. Einaudi, 1977.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio HOUAISS/Objetiva, 2001.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec, 1987.